

DEPÓSITO LEGAL  
12. MAR. 1971

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

1971  
1 de Fevereiro

Director: **Guilherme Pereira da Rosa**  
Editor: **Eduardo Figueiredo Júnior**

Redacção, administração e oficinas:  
R. de «O Seculo», 41 a 63—LISBOA

NÚMERO 1034  
ANO 65.º

TELEFONE 362751 — LISBOA ★ A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR  
TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO AVULSO — 1 ESCUDO

## «K. O.» PARA CASSIUS CLAY



Sonji Ray foi a primeira mulher de Cassius Clay... apenas por 10 meses. A sua união fracassou porque Sonji, um ex-manequim, não suportava as duras imposições da religião islâmica

## FALA A PRIMEIRA MULHER DO CAMPEÃO

# A ÚNICA PESSOA NO MUNDO QUE PÔS CASSIUS CLAY «K. O.»

Sonji Ray, que se divorciou de Cassius Clay após apenas dez meses de casamento, recorda a sua vida agitada ao lado do pugilista «muçulmano negro». No fim do processo judiciário, o tribunal condenou Clay a dar a Sonji 400 contos por ano, a título de alimentos.

No livro de ouro de Cassius Clay, o mais famoso pugilista de todos os tempos, pode ler-se: 30 encontros, 30 vitórias, das quais 24 antes do fim do tempo previsto. Na realidade porém, Clay conheceu também a vergonha de uma derrota, num ringue inesperado, a sala de um tribunal Adversário: uma senhora chamada Sonji Ray. Foi um «K. O.» tremendo.

O caso começou nos primeiros meses de 1964. O campeão tinha então 22 anos, quatro de vida profissional às costas, e conquistara já o título mundial dos pesos pesados. Os técnicos asseguravam que, dentro em breve, faria obscurecer a fama de Rocky Marciano e Floyd Patterson. O público delirava já por este paquiderme que se movia no ringue com a agilidade de uma gazela.

Cassius Clay inscreveu-se na seita dos «Muçulmanos Negros com o nome de Mohammed Ali. Afirmava que Alá lhe confiara a guerra santa contra os infiéis.

Um dia, apresentaram-lhe Sonji Ray, um belo manequim negro. Também ela era sensível aos problemas da sua raça. Pertencia a uma seita que proclamava a superioridade dos negros sobre os brancos. Cassius apaixonou-se por ela e, nos primeiros dias de Agosto de 1964, conduziu-a ao altar no meio do maior segredo. Foi um enviado do «Los Angeles Sentinel» que descobriu a notícia. Conseguiu ser recebido pelo casal e assistiu a um diálogo ver-

dadeiramente inesperado. Dizia o campeão a Sonji: «Bebé, diz ao senhor que és minha mulher.» Sonji respondeu: «Sim, casámo-nos.» Cassius: «Bebé, diz-lhe quem é o teu chefe.» Sonji: «O honorável Elijah Mohammed, chefe dos Muçulmanos Negros. Cassius: «Bebé, diz-lhe por quem estavas pronta a morrer.» Sonji: «Pelo honorável Elijah Mohammed.» Assim se encerrou o diálogo e o jornalista reproduziu-o integralmente, frisando a profundidade desta união que não se fundava exclusivamente no amor, mas também na fé comum.

Mas esta união aparentemente perfeita não durou muito tempo: apenas dez meses, depois, no dia 23 de Junho de 1965 o juiz do tribunal proferia uma sentença de divórcio entre os cônjuges Clay condenando Cassius a entregar cerca de 32 contos por mês à mulher a título de alimentos além de ter de pagar as despesas do processo. Um terrível golpe para o invencível campeão, a quem o juiz não dera razão. O que acontecera de tão grave para justificar a ruptura entre Cassius e a mulher?

**«Para o fazer  
feliz  
renunciava  
a tudo»**

Revelou-o a própria Sonji Ray agora, após cinco anos de silêncio.

«Tentei submeter-me sem limites às regras da religião islâmica logo a seguir ao matrimónio, mas não podia fazer tudo o que Cassius me pedia» — contou Sonji.

«Deixei de fumar quando Cassius mo pediu, alterei a minha alimentação e comecei a comer só os alimentos permitidos pela religião, embora muitos deles fossem indigestos.

«Vesti também a túnica dos muçulmanos durante as cerimónias religiosas, coisa que, na realidade, não me agradava. Sou uma mulher como as outras e não gosto de vestir os fatos que a religião pretende impor.»

Sonji, que tem hoje 29 anos, era manequim em Chicago e cantava num «night-club». Estava habituada aos vestidos elegantes, à boa cozinha e a todas as comodidades. Mas o seu grande amor por Cassius levava-a a renunciar, num primeiro instante, ao seu antigo modo de vida.

«Amava Cassius até à loucura — prosseguiu Sonji — e tentava contentá-lo de todas as maneiras. Sabia que ele se considerava um servo obediente da sua religião. Sacrifiquei-me muito para o contentar.

«Depois de ter deixado de fumar, ele disse-me que a sua religião proibía às mulheres porem «báton» nos lábios, sombra nos olhos e qualquer outra pintura.

«Limitava-me a maquilhar-me ligeiramente, mas nem mesmo isso agradava a Cassius. Um dia, prendeu-me com uma das suas enormes mãos e com a outra esfregou-me enérgicamente a cara com uma toalha.»

Sonji recordou o ódio de Clay por alguns dos seus vestidos, especialmente por um vestido de algodão azul. «Quando o vestia, punha-se a gritar, atirando ao chão tudo quanto tinha à mão.

«Acabámos no tribunal e Cassius disse ao juiz que eu tinha um ar perverso. Acusou-me de vestir fatos que punham a descoberto os joelhos. Era uma provocação, no seu entender, que o deixava embaraçado na presença de estranhos.

«Eu retorqui que Cassius me proibira de fumar e de

beber uísque e, finalmente, de frequentar locais onde se vendiam bebidas alcoólicas. Obrigava-me a usar vestidos compridos e horríveis nas cerimónias religiosas.

«Disse ao juiz que Cassius, tão intransigente em relação a mim, se concedia frequentemente às coisas que me proibia. Acontecia-lhe frequentemente ir aos locais onde se vendiam bebidas alcoólicas embora, na verdade, não as consumisse.»

A ruptura definitiva deu-se porém, quando o pugilista ordenou à mulher que se convertesse à religião islâmica.

«Nasci católica — respondeu Sonji — e tenho o morrer católica. Nunca tive intenções de me tornar uma muçulmana negra. É uma coisa que me recuso terminantemente a fazer.»

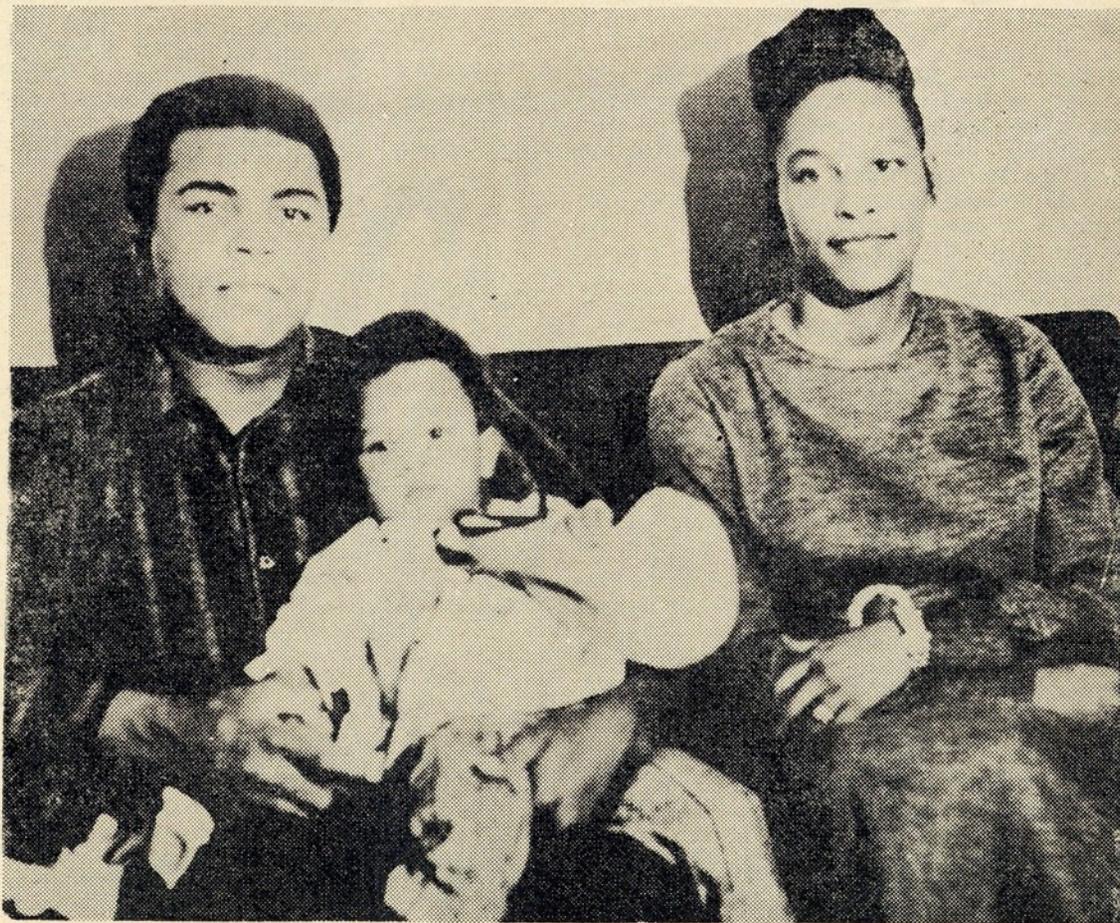
Os chefes da seita religiosa intimaram então Cassius a escolher entre a mulher e a religião. Logo após o seu combate vitorioso contra Sonny Liston, apressou as formalidades para o divórcio.

Clay disse ao juiz que tinha encontrado Sonji no átrio de um hotel de Massachusetts, na véspera do combate «com atitudes contrárias aos ditames da religião islâmica». Mas o juiz não lhe deu razão

e condenou-o a pagar 400 contos por ano, além das despesas do processo.

«Durante alguns meses espere pelo dinheiro — confessou Sonji —, até que recorri ao tribunal para obter o pagamento.» Clay compareceu mais uma vez perante o juiz e foi intimado a pagar à mulher as prestações em atraso.

Em 1967 o campeão casou-se pela segunda vez com Berda Boyd e é agora o feliz pai de uma menina de 2 anos e meio. Da sua triste experiência matrimonial com Sonji Ray, o belo manequim negro, ficou-lhe apenas a obrigação de lhe pagar mensalmente uma bela maquia



Cassius Clay com a segunda mulher e a filha. Depois do seu regresso triunfal ao ringue, a carreira desportiva de Clay apresenta-se cheia de boas perspectivas

# UM MOSQUETEIRO COM A PENA NO LUGAR DA ESPADA

As suas palavras proporcionaram prazer e levaram a aventura a incontáveis milhões de leitores. Os seus romances foram traduzidos para dezenas de línguas e adaptadas para o cinema, a rádio e a televisão. Chamou-se Alexandre Dumas e foi o criador dos mais truculentos e famosos personagens da literatura de aventuras: os Três Mosqueteiros.

Completo-se ontem, dia 5 de Dezembro, o primeiro centenário da morte deste grande mestre do romance histórico, cuja vida foi tão colorida e agitada como a dos imortais personagens que saíram da sua pena.

Nascido em 24 de Junho de 1803, em Villiers Cotterets, uma pequena aldeia a poucos quilómetros de Scissons, ao norte de Paris, Dumas era filho de um general do Exército de Napoleão. As características negróides, tão visíveis nos traços de Dumas, foram herdadas do pai, natural da ilha de São Domingo, nas Índias Ocidentais — o resultado de um «*affair*» entre um marquês francês e uma jovem escrava negra.

É possível que os mosqueteiros tenham sido inspirados no carácter do pai de Alexandre Dumas — que, aborrecido com a vida de Paris, se alistou no Exército como soldado. A medida que, graças à revolução, ia rapidamente ganhando promoções, os seus feitos de armas iam-se tornando lendários.

Todavia, após a morte do seu ousado marido (que ocorreu em 1805), a mãe de Alexandre Dumas ficou às portas da miséria, pois o Exército indeferiu sempre os seus pedidos de pensão.

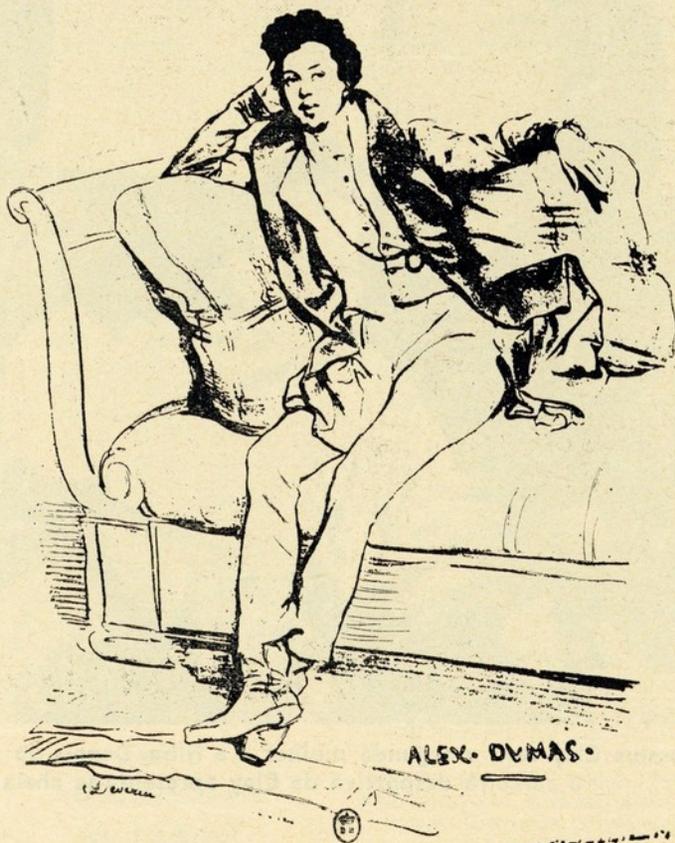
Por essa razão, o grande escritor nunca recebeu uma educação convencional. Ensinado a ler e a escrever pela mãe, o rapaz passou grande parte da sua infância a correr livremente pelos campos da sua terra natal e tornou-se um perito em pescarias e caçadas furtivas.

Irónicamente, foi a bonita caligrafia de Dumas que lhe

valeu o primeiro emprego, como porteiro do gabinete do duque de Orleães — que, com o nome de Luís Filipe, reinou

em França de 1830 a 1848. Ganhando aquilo a que, na altura, chamava um generoso salário de 3500 escudos por ano, Dumas passava a maior parte do seu tempo livre a completar a sua fraca educação. Cada vez os seus interesses se orientavam mais para a literatura, graças aos seus contactos com Adolphe de Leuven, o filho de um nobre sueco que vivia exilado em Paris.

Contudo, parece ter sido um extraordinário papel representado pelo grande actor inglês Charles Kemble que pôs Dumas no caminho da fama. Um dia, o jovem fran-



Alexandre Dumas, num retrato que data do tempo da sua agitada juventude. No rosto e no cabelo do escritor são visíveis os traços negróides, herdados de seu pai

cês viu Kemble no papel de Hamlet. Ficou tão impressionado que resolveu escrever uma peça no estilo de Shakespeare. Terá sido necessária muito coragem para o fazer em França, onde a forma das peças estava regulada por normas muito estritas.

No dia 1 de Fevereiro de 1829, Dumas irrompeu como um meteoro no mundo do teatro e da literatura, quando a sua peça «Henrique III e a sua Corte» foi, pela primeira vez, representada em Paris. Tomou a cidade de assalto e, de uma penada, derubou todas as rígidas regras que asfixiavam o teatro francês.

### **Uma arma debaixo do braço**

Para Dumas a fama chegou nessa noite e o jovem autor tornou-se uma espécie de mascote revolucionária da sociedade parisiense. Exibicionista como era, Dumas reagiu da maneira que seria de esperar numa personalidade como a sua: durante a revolução de 1830, passeava pelas ruas da cidade com um enorme arcabuz debaixo do braço.

Escreveu um inglês que visitou, nessa altura a «cidade-luz»: «Se tiver a sorte de ir a Paris e, por acaso, numa das suas ruas encontrar um grande rapaz com quase 1 metro e 90 de altura, com uma fisionomia que lembra a de um negro, de cabelo frisado, nariz achatado e pele esverdeada, cujo vestuário também se distingue por algumas peculiaridades, tais como uma capa amarelo-limão ou um casaco com uma infinita variedade de cores, pode chamar-lhe *monsieur Dumas*.»

No princípio da sua carreira, Dumas consagrou-se quase exclusivamente a peças de teatro. Peças como «Charles VII», «Richard Arlington» e «Theresa» surgiam incessantemente da sua imaginação fértil. Após uma breve incursão no campo da literatura de viagens, com «Impressões de Voyage» (considerada pelas autoridades no género como um «monstruoso somatório de produtos da sua imaginação»), Dumas virou-se para o romance.

Em 1836 surgiu «Isabel da Baviera», logo seguida pelas

«Recordações de Anthony» e por «Gália e França». As suas obras mais famosas, como «Os Três Mosqueteiros», «O Conde de Montecristo» e «A Tulipa Negra» viram a luz durante a década de 1840.

Estava-se, então, no auge da glória e da popularidade de Dumas, cujos rendimentos literários se elevaram a 1800 e a 2100 contos, quantias estonteantes para a época. Muito deste dinheiro provinha dos jornais, que começavam então o seu período de grande expansão.

### **Escrevia cinco folhetins ao mesmo tempo**

A certa altura estava contratado por nada menos de cinco jornais, a quem tinha a obrigação de fornecer um capítulo por dia de outros tantos folhetins diferentes. Tamanha actividade estava para além das possibilidades de qualquer homem.

Para satisfazer as suas múltiplas obrigações, Dumas empregava um exército de escritores que não podiam contar com a fama como remuneração, mas apenas com dinheiro. Dumas imaginava a intriga e os seus assalariados escreviam o folhetim, que depois lhe era submetido para revisão e aprovação.

Aliás, foi voz corrente, na altura, que «Os Três Mosqueteiros» se baseavam numa ideia fornecida por um jovem colaborador do escritor, chamado Maquet.

Este sistema de escrever para vários jornais ao mesmo tempo conduziu, a certa altura, a algumas complicações, pois todas as empresas proprietárias dos jornais para onde escrevia reclamavam a propriedade das suas obras literárias. O caso acabou no

tribunal, mas Dumas saiu dele mais popular do que nunca.

Noutra ocasião envolveu-se num duelo, quando um autor rival, Gaillardet, reclamou a autoria de «Tour de Nesle».

Quando eclodiu a revolução socialista de 1848, a fortuna de Dumas sofreu um rude golpe e, com o golpe de Estado de Napoleão III, em 1852, o escritor decidiu ir viver para o estrangeiro. Demorou-se algum tempo em Itália, viajando com o Exército de Garibaldi durante a invasão da Sicília e de Nápoles.

Com o seu fato branco e o enorme chapéu de palha de copa vermelha, branca e azul, Dumas tornava-se notado onde quer que se encontrasse.

Quando regressou a França mandou construir, no «boulevard» Saint-Germain, uma casa enorme e extravagante, a que chamava «o castelo de Montecristo» — do seu livro favorito — onde passava o tempo de maneira principescas. Mas nem a sua larga fortuna podia coexistir com os seus gostos dispendiosos, e o «castelo» acabou por cair nas mãos dos credores.

A medida que caminhava para o fim da sua vida agitada, Dumas viu as suas peças saírem de moda, embora os seus livros mantivessem a mesma popularidade. Quando os exércitos teutónicos invadiram a França, em 1870, durante a guerra franco-prussiana, Dumas sofreu um abalo de que não voltaria a recuperar totalmente.

Os últimos meses da sua vida foram passados em Puys, onde o seu filho Alexandre — o autor de «A Dama das Camélias» — cuidou dele com grande desvelo. Da vasta fortuna que passara pelas suas mãos apenas lhe restavam duas moedas de ouro no momento da sua morte.

## **PASSOU HÁ UMA SEMANA O PRIMEIRO CENTENÁRIO DA MORTE DE ALEXANDRE DUMAS**

# MAL NECESSÁRIO OU DOENÇA CURÁVEL?

## O CIÚME TENDE A DESAPARECER ENTRE OS CASAIS JOVENS

«O meu noivo ignora o que é o ciúme e tem em mim uma confiança quase... ultrajante. E eu sou jovem, bonita, cortejada. Tentei espiçá-lo, mas ele, nada! Esta sua atitude imperturbável parece-me, por vezes, falta de amor.» Cartas como esta fazem parte do repertório clássico das rubricas do correio do coração

A par de apaixonados envenenados por exasperantes suspeitas da pessoa querida, há outros descontentes e perplexos porque falta à sua união aquele bocadinho de emoção que é alimentado pelo ciúme. Mas é possível, entre duas pessoas que se amam, uma tal ausência de ciúme? E, em caso afirmativo, é um sintoma de equilíbrio ou de indiferença? Será a estas perguntas que procuraremos responder no decurso deste artigo.

A dr.<sup>a</sup> Ernesta Tonoli, psicóloga, diz drásticamente: «São raras, para não dizer impossíveis, as relações sentimentais em que o homem e a mulher nunca sentem aquela ansiedade que toma conta das pessoas quando pensam que podem perder o amor do ente querido. A menos que se trate de encontros breves e apaixonados que isolam os namorados numa espécie de círculo mágico, surdos a todas as tentações, cegos a outros atractivos, os dois consomem a sua história num clima de «exclusividade» e dedicação absoluta. Mas numa relação normal e prolongada no tempo, o isolamento desaparece e no círculo mágico surgem pequenas falhas, através das quais, fatalmente, entram temores, solicitações, tentações. Os enamorados, que são dotados de uma extraordinária intuição para captar os momentos de frieza ou afastamento do seu companheiro, entram em crise e surge o ciúme.»

Os amores entre os muito jovens (a que eles chamam «flirt») entram quase sempre no tipo dos encontros fulgurantes e exclusivos de que falou a psicóloga.



Com o desenvolvimento das relações sociais e o desaparecimento de muitos convencionalismos e tabus, a noção de ciúme perde-se cada vez mais entre os casais jovens. Na foto, uma imagem que já se vê com certa frequência: o jovem abraça familiarmente uma conhecida que encontrou na rua, mas a «namorada» (à direita) continua tranquila

Um rapaz e uma rapariga encontram-se, simpatizam e fazem par fixo. Sem complicações e sem dramas, continuam a vida de grupo. Ele pode transportar na sua moto a amiga da namorada, ela pode ir ao cinema com o companheiro de escola; não existem imposições ou limitações de liberdade. Mas apesar da vida de grupo, o par vive no círculo mágico da espera e da segurança absoluta. As ansiedades do ciúme são afastadas e consideradas um hábito senil e «demodé». Quando se aborrecem, os jovens mudam de companheiro e isso quer dizer que o amor acabou.

Ultrapassada a barreira dos 20 anos, porém, os sentimentos ganham nova dimensão. As pessoas entregam-se ao amor com maior reserva e, inevitavelmente, tornam-se desconfiadas em relação à pessoa amada.

A ausência de ciúme é considerada um sinal alarmante de indiferença, além de ser uma afronta às próprias qualidades (e à vaidade do género humano). A suspeita do companheiro é um bálsamo suavíssimo para quem se sente pouco seguro da sua beleza, da sua inteligência ou do seu fascínio. «Tem medo que eu agrade a outra pessoa, logo, isso quer dizer que aos seus olhos sou agradável!», este o silogismo optimista do apaixonado ansioso. Se o bálsamo da suspeita falta, é a crise, o descontentamento, o pânico.

«Com efeito — diz o psicólogo António Miotto — uma justa dose de ciúme é benéfica: tonifica as relações, mantém vivo o diálogo e afasta o espectro do hábito.»

E se falta o ciúme? «Alguma coisa não funciona — responde a dr.<sup>a</sup> Tonoli. — O homem está demasiado ocupado pelo trabalho, ou os filhos esgotam toda a carga emocional da mulher, ou os enamorados consideram-se (com presunção e superficialidade) superiores a qualquer possível confronto com um hipotético «rival». Em todo o caso, existe uma relação sentimental árida.»

Quase sempre, a falta de ciúme é unilateral, no sentido em que um apaixonado «tranquilo» tem um companheiro muito ciumentoso. E quase sempre é ele que sofre menos pela ausência de ciúme dela. Aborrecido pela suspeita e o «contrôle» movido pela mulher, o homem — «eterno caçador» — pode conceder-se sem remorso algumas aventuras com a colega de escritório ou entregar-se a escapadelas temporárias. A mulher, pelo contrário, quer sentir-se desejada, cortejada. No caso limite chega a recusar o matrimónio, com medo de que o namorado, uma vez que já a con-

quistou, caia na rotina.

O ciúme não é apenas estimulante para quem é objecto dele, mas também para quem o sente. Desperta emoções adormecidas, impede que se esqueça o fascínio exercido pela pessoa amada, acaba com o aborrecimento. Conhecedoras disto, muitas mulheres, quando se sentem postas de lado, utilizam o ciúme para sacudir enérgicamente o seu companheiro.

Existem algumas astúcias infalíveis: recusar durante uma semana convites para o cinema ou para jantar, invocando desculpas nebulosas; esconder, na mala, com gestos furtivos (depois de a ter mostrado ostensivamente), uma carta ainda fechada; pedir a uma amiga que telefone, quando ele está presente, que desligue se for ele a atender; estimular um cortejador ansioso por voltar à carga; ordenar à florista que mande para casa uma dúzia de rosas vermelhas e colocá-las bem à vista sem explicar a proveniência; comprar um vestido novo e mudar de penteado ou de maquilhagem. Estas pequenas astúcias que se podem adoptar em parte ou em bloco, devem ser bem doseadas e exigem uma boa encenação: alegria, surpresa, melancolia, ar sondador, etc., que, habitualmente alternados, devem provocar inquietação e raiva no belo adormecido.

Mas qualquer atitude forçada pode ser fatal. Explica o psicólogo: «A arma do ciúme pode voltar-se contra a união que se queria salvar. É certo que os homens, em geral, caem na cilada e o medo de um rival desperta neles ardor e zelo, mas trata-se de um regresso de paixão artificial e destinado a apagar-se. Ferido na sua confiança e na sua segurança, o companheiro «recuperado» acumula inconscientemente uma perigosa carga de rancor e, em breve, desencadeia-se ne-

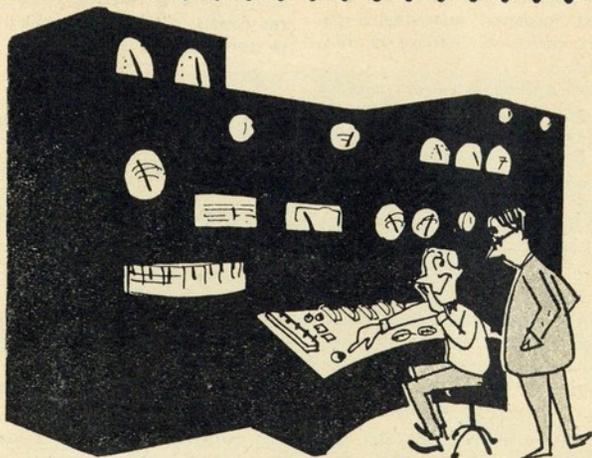
le um mecanismo de autodefesa que o leva a afastar-se definitivamente da apaixonada-inimiga.»

Ocupámo-nos até agora dos ciumentos e chegou a altura de passar aos casais que fizeram da ausência de ciúme uma alegre e desenvolvida regra de vida. O exemplo mais escabroso é-nos oferecido pelo «amor de grupo», dado a conhecer pelo cinema e praticado com maior frequência do que supomos.

Segundo um actor-«playboy», um homem nunca leva a uma festa «de grupo» a mulher ou a namorada: a menos que seja um doente. E os maridos que vão com a mulher mantêm os olhos bem abertos: prontos a envolver-se com a mulher de outro, fazem uma fita se alguém tenta aproximar-se da própria mulher. O que prova, na opinião dos psicólogos, que um homem e uma mulher física e moralmente são não podem aceitar (sob pena de traumatismos e frustrações) «trocas» tão degradantes.

Que a indiferença dos enamorados superseguros seja autêntica ou falsa, uma coisa é certa: se as circunstâncias da vida os colocarem perante a traição da pessoa amada, a sua reacção psicológica é violentíssima: bem mais violenta e devastadora que a dos ciumentos autênticos e reconhecidos. A explicação é simples: estes homens estão continuamente alerta; espiam, atormentam-se, vivem obcecados; quando a traição se verifica, estão preparados para suportar esse traumatismo que já tinham vivido nas suas alucinações.

Os apaixonados «tranquilos» não. A prova da traição é um balde de água fria de que não suspeitavam (ou que se tinham recusado a esperar). Atingidos no seu orgulho, expulsos da tranquilidade em que viviam, os não ciumentosos tornam-se feras em liberdade. E raramente perdoam.



— ...E este fornece os resultados do Totobola.

# «GOLPE BAIXO» PARA HUSSEIN

## A PRIMEIRA MULHER DO REI CASOU COM UM GUERRILHEIRO

Uma lacônica notícia de agência, proveniente do Cairo, deixou o soberano da Jordânia, Hussein, quase tão abalado como se tivesse perdido outra guerra: a sua primeira mulher, Dina Abdel Hamid, casou, em segundas núpcias, com um palestino que trabalha para os serviços de informação da Al Fatah, na Jordânia.

O novo marido de Dina pertence ao movimento contra o qual o rei Hussein conduz uma batalha sangrenta há vários anos.

Dina pediu a Hussein autorização para voltar a casar e o soberano concedeu-lha de boa vontade. Estava, porém, longe de imaginar que a ex-mulher se passasse tão espetacularmente para o outro lado da barricada, fornecendo aos seus irredutíveis inimigos uma arma tão perigosa. No dia a seguir à publicação da notícia, Dina concedeu uma entrevista ao enviado de um jornal jordano, afirmando que encontrou a felicidade ao lado de um «verdadeiro» homem, combatente de raça, que acrescenta ao seu extraordinário fascínio viril dotes de coragem. Imediatamente, na fantasia popular, sobretudo entre as mulheres jordanas, guerrilheiro palestino tornou-se sinónimo de masculinidade.

Hussein e Dina estiveram casados apenas dois anos, de 1955 a 1957. Tinham-se conhecido em 1952, no Museu Britânico, em Londres, onde o herdeiro do trono se encontrava na altura a completar os seus estudos. Também Dina estudava e estava quase a licenciar-se em línguas. O seu caso foi de amor à primeira vista. Estavam sempre juntos.

Falava-se já de casamento, embora Hussein tivesse apenas 17 anos, quando, inesperadamente, na Jordânia se deu um acontecimento gravíssimo.

O pai de Hussein, o rei Talal, que subira ao trono em 1951, enlouquecera e tentara estrangular a mulher.

Talal foi então encerrado num manicomio, onde vive ainda hoje. Aos 18 anos, Hussein, tendo regressado precipitadamente à pátria, subia ao trono. O seu romance de amor com Dina parecia acabado.

A rapariga, filha de um emir hachemita, mas egípcia de nascimento e de sentimentos, voltara ao Cairo onde obteve o cargo de professora de inglês na Universidade. Mas um dia parou em frente da sua casa um carro da embaixada da Jordânia: dele desceu um senhor que lhe anunciou a chegada iminente de Hussein. Dina estava convidada pessoalmente para a recepção. Poucas horas depois, o jovem rei pedia-lhe que se tornasse sua mulher.

### A mulher do rei tinha ideias progressistas

Embora se tivesse tornado a primeira dama da Jordânia, Dina continuava a manter relações excessivamente amigáveis com os revolucionários de Nasser. Ia frequentemente ao Cairo e regressava a Amã com ideias progressistas. Pedia a Hussein que corresse do país com todos os estrangeiros.

Era, na prática, uma manobra

astuciosa para afastar o lendário Glubb — que, desde o dia da independência, comandava a Legião Árabe. Glubb era particularmente odioso a Nasser, que detestava os ingleses. Na sua fúria nacionalista, Dina tentou até expulsar o director e as enfermeiras do hospital italiano de Amã. Como seria de esperar, em breve se tornou impopularíssima nos meios ligados à corte. Ao mesmo tempo aumentava, nos mesmos círculos, o prestígio da mãe de Hussein, Zaim. O conflito entre as duas mulheres era inevitável. A surda luta interna teve uma pausa devido ao nascimento da princesa Aleya, mas recomeçou no mesmo dia — quando, na corte, as más-línguas murmuravam que a recém-nascida dizia: «Glubb, Glubb», em vez de «mamã».

Consta que Dina acabou por se aliar com um jovem e ambicioso chefe de estado-maior e com ele teria preparado uma conjura. O primeiro-ministro ter-se-ia encontrado perante este indivíduo, que lhe exigia o afastamento de Glubb; Hussein encontrou-se perante Dina, que o convencia a aceitar. Hussein pareceu deixar-se arrastar para a órbita de Nasser, que Dina derrendia já abertamente — ao ponto de, em Novembro de 1956, quando rebentou o conflito entre o Egipto e Israel, se ter colocado a favor do Egipto. Naqueles dias começava a revolta na Jordânia e Hussein, para salvar o trono, viu-se obrigado a usar de toda a sua astúcia: aliou-se ao rei Saud e aos ingleses. Ao mesmo tempo, enviou um telegrama a Dina, ordenando-lhe que regressasse a Amã. Dina recusou.

Poucos dias depois, o Supremo Tribunal reconhecia o repúdio «por falta de cumprimento dos deveres de esposa e de rainha». Estava-se em 1957. O rei, apenas com 22 anos, saía de uma infeliz experiência matrimonial.

Hussein voltou a casar em 1961 com Muna, que lhe deu quatro filhos, dois rapazes e duas raparigas. O seu reino esteve envolvido nas vicissitudes mais trágicas. Depois da «guerra dos seis dias», contra Israel, que lhe custou grande parte do território cisjordano, seguiram-se as peripécias diplomáticas conhecidas de todos. Finalmente, uma guerra civil com o Exército ocupado a enfrentar os palestinos e a repelir uma tentativa de invasão síria. Mas Hussein conseguiu sempre sair indemne dos acontecimentos mais delicados, assim como escapou a bem quatro atentados contra a sua vida. Desta vez, porém, sofreu um golpe bastante «baixo».